

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

Camila Gonçalves da Costa (PG-UEMS)¹

Tânia Regina Zimmermann (UEMS)²

Resumo: Tendo em vista a real importância da disciplina Literatura no currículo escolar, este trabalho objetiva ressaltar os sentidos que a norteiam e que devem ser levados em consideração dentro da sua abordagem de ensino. Uma vez que a literatura tem papel de formar personalidades, pois possui um processo criativo, que por meio de seus sentidos, tem a capacidade de tornar os seus leitores pessoas capazes e sensíveis. Portanto, a literatura é um instrumento que faz o irreal se tornar real tornando algo da imaginação uma realidade capaz de transformar vidas, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo. Para tal propósito, optou-se em resgatar brevemente o percurso histórico da literatura, a institucionalização de seu ensino e dos modelos de herança cultural perpassado na literatura brasileira. Na análise foram primordiais o estudo do papel da literatura e da leitura na sociedade, no qual se procurou esclarecer alguns pontos que podem contribuir ou não para o modo como a disciplina tem sido concebida pelos alunos do ensino médio e professores. Dessa maneira, propomos trabalhar com autores, bem como pesquisadores que também se dedicaram aos estudos de tal temática, tais como: Chartier (1988), Magnani (1989), Candido (1995), Coutinho (2005), Zilberman e Silva (2008), Barbosa (2010), Lois (2010), Santos (2010), Silva (2010) e Neves (2013). A metodologia deste trabalho enquadra-se como uma pesquisa qualitativa no campo da História da Educação, por caracterizar-se de uma extração da dissertação ainda em fase de execução da autora deste trabalho. Sendo assim, os dados a serem apresentados serão exclusivamente teóricos, uma vez que a pesquisa dessa dissertação ainda não foi executada.

Palavras-chave: Literatura; Ensino de Literatura; Leitura.

Introdução

Através de um breve percurso histórico da literatura³, podemos notar importantes mudanças ocorridas no modo de conceber e ensinar essa disciplina nas escolas. Entretanto, as metodologias utilizadas atualmente ainda não são consideradas ideais para que esse ensino seja de qualidade e que desperte na maioria dos alunos o interesse por esta disciplina.

¹ **Camila Gonçalves da Costa** é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba. Professora efetiva da rede pública de ensino de Mato Grosso do Sul e docente da Faculdade de Educação de Costa Rica (FECRA). Email: camilaggcosta@hotmail.com

² **Tânia Regina Zimmermann** é doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul no curso de História e no Mestrado em Educação e Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos. Email: tania22@uems.br

² Utilizarei a inicial maiúscula ao referir-me à disciplina Literatura, e minúscula, para quando se tratar do fenômeno literário.

³ Utilizarei a inicial maiúscula ao referir-me à disciplina Literatura, e minúscula, para quando se tratar do fenômeno literário.

Nos começos da institucionalização da escolarização europeia no Brasil se estudava história da literatura dividida em Retórica e Poética. Os responsáveis pelo ingresso da literatura nas escolas foram os jesuítas portugueses. No período contemporâneo brasileiro houve em diversos momentos a necessidade de preparar os jovens para o exercício da cidadania e para o mercado de trabalho.

Como consequência de novas demandas, várias reformas foram propostas, em âmbito nacional, tais como: Benjamin Constant (1860), Rivadávia Correa (1911), Francisco Campos (1931), Gustavo Capanema (1942). Segundo análises de Pessanha e Silva (2014) “cada uma delas explicitou e induziu diretrizes curriculares que alteraram a organização do espaço, do tempo e do trabalho escolar nas escolas”, sendo estas propostas criadas a fim de mediar às transformações sociais dos novos tempos com o intuito de democratizar o acesso ao ensino.

O ensino secundário no Brasil teve início de forma sistemática em 1837 com a criação do Colégio Imperial de Pedro II, com a finalidade “de educar a elite intelectual, econômica e religiosa brasileira e, concebido para ser o centro difusor das ideias educacionais, relativas ao ensino secundário”. (VECHIA; CAVAZOTI apud PESSANHA; SILVA, 2014, p. 71) Sobre tal ensino, Pessanha e Brito (2014, p. 237) enfatizam que “a historiografia sobre o ensino secundário no Brasil apresenta como sinônimos, educação secundária, ensino secundário e ensino médio”.

Diante de tais fatos, na reorganização da educação se modificou a estrutura curricular, substituindo a educação humanista por uma cada vez mais científica e técnica. Conforme salientam as pesquisadoras Pessanha e Brito (2014, p. 245) tais reformas e legislações prezavam por um “currículo voltado às disciplinas de formação geral”, pois:

[...] iniciativas tanto das reformas de 1931 como de 1942 favoreceram uma organização do ensino secundário que aproximou ainda mais da escola moderna, a saber: o fortalecimento da seriação do currículo (em dois ciclos – fundamental e complementar em 1931; ginasial e colegial, este último subdividido em clássico e científico, em 1942).

Assim, o ensino de Literatura perdeu a importância, fato este que se confirma por meio de sua carga horária reduzida se comparada a outras disciplinas, visto que hoje sua presença na maioria das escolas brasileiras dá-se com apenas duas aulas semanais no ensino médio, e em outras escolas, com apenas uma aula semanal. No entanto, na visão de Barbosa (2010, p. 04) “os métodos de ensino ainda precisam ser aprimorados”. Porém, para que isso aconteça, será necessário buscar novas metodologias a fim de “recuperar” e estimular em

nossos alunos o interesse por esta disciplina?

Coutinho, (1978, p. 19) explica sobre conceitos que nos permitem entender a literatura brasileira como um resultado de um longo e contínuo processo de busca de uma forma de expressão nacional brasileira, a fim de ressaltar as identificações nacionais e, assim, a reafirmar as brasilidades para expressão de uma literatura nacional própria. Por tatear esses fatos até então, iniciamos neste momento um breve estudo sobre a história literária, na qual enfatizamos a relação entre o contexto histórico e cultural e, sobretudo, sua relação com a literatura portuguesa, devido a sua grande importância, sendo assim, considerada como modelo da literatura brasileira. Por conseguinte, procuramos mostrar como aos poucos, a nossa produção literária foi adquirindo características próprias.

Considerações como a de Coutinho (2005, p. 35) são válidas neste momento, pois nos fala sobre o drama da formação de uma legítima literatura brasileira:

O ritmo da atividade literária obedeceu, entre nós, a um movimento duplo: de um lado, a desintegração e o abandono de uma velha consciência, do outro, a construção subjacente de uma nova. Dada a contingência de nação colonizada por europeus, os portugueses, e em virtude da ausência de uma tradição autóctone que pudesse servir-nos como passado útil, a evolução de nossa literatura foi uma luta entre uma tradição importada e a busca de uma nova tradição de cunho local e nativo.

Como podemos observar no excerto acima, obtivemos uma herança colonial de modelo europeu em nossa literatura, a luta entre duas tradições – a luso-europeia e a nativa em formação. O conflito entre essas duas tendências, a que se volta para a Europa e a que busca estabelecer uma tradição local de nacionalidade própria constitui segundo Coutinho (2005, p. 36) o “[...] gerador de um drama em meio do qual ainda agora vive o país, drama que se reflete não apenas na imaginação criadora, mas também na crítica e compreensão da literatura, pois ele envolve a própria concepção de natureza e função da literatura no Brasil”.

Com efeito, Coutinho (2005, p. 69) entende “sendo a literatura uma expressão do espírito, é natural que um dos fatores que mais influenciem no seu desenvolvimento seja os instrumentos de aquisição e propagação da cultura, e os sistemas de educação”. Sobre os sistemas de educação, torna-se oportuno lembrar que a literatura (poesia e teatro) fora um dos recursos utilizados no primeiro século quando os jesuítas, Anchieta, sobretudo, escrevendo suas glorificações de conquista espiritual e imperialismo religioso, estudam as línguas, a etnologia e a vida social dos indígenas, com o objetivo de melhor atuar sobre a mentalidade dos primitivos habitantes, a par dos colonos, utilizando-se da literatura como instrumento de penetração e convicção. (COUTINHO, 2005, p. 35)

Porém, discussões sobre a valorização da literatura jesuítica e de seu repercussor, Anchieta, considerado como o “fundador da literatura brasileira” no parecer de Afrânio Peixoto (apud COUTINHO, 2005, p. 88) nos mostram algumas considerações no que se diz respeito à literatura anchietana, pois se considera que os Jesuítas, em fins do século XVI introduziram o ensino da Literatura do Brasil, quando na verdade o que se escreve é uma literatura informativa sobre o novo território descoberto para a Europa, a fim de transmitir o conhecimento da nova terra, esta então cheia de riquezas. Naquela época, o conceito de literatura ainda não estava estabelecido, pois até então não havia uma literatura brasileira, o que se tinha na verdade, eram esparsas manifestações, mais o menos literárias, ou seja, documentos que relatavam a chegada do europeu ao novo mundo, tais como: escritos clássicos – cartas, poesias, das quais eram utilizadas pelos eloquentes ao passo que lhes desenvolvia a oratória e os procedimentos estéticos.

A pesquisadora Neves em suas pertinentes análises (2013) conjectura que foi na primeira missão jesuítica que se teve registro do primeiro projeto educacional no Brasil, em 1549, e manteve-se como projeto exclusivo até a expulsão dos jesuítas em 1549, pelo Marquês de Pombal. A prática pedagógica jesuítica foi determinante como base humanística de nossas escolas. Porém, esta educação restringia-se aos filhos de famílias abastadas, os quais representavam a elite da época e tinha como objetivos instruir e catequizar, conforme podemos observar no fragmento abaixo:

Com a chegada dos jesuítas, em 1549, inicia-se um tipo de educação baseada nas escolas de ler e escrever, com finalidades de catequese e instrução [...] A educação jesuítica acaba se destinando aos filhos dos colonizadores, de senhores de engenho, enfim aos meninos pertencentes a famílias privilegiadas. Este era o único meio de instrução e formação intelectual e para ele se dirigiam mesmo os que não mostravam vocação sacerdotal. Além do que, ser letrado conferia elevada posição social. (MAGNANI apud NEVES, 2013, p. 71)

Como vimos, a literatura jesuítica buscava servir o ideal religioso e pedagógico alicerçados num trabalho de catequese, tendo como modelo de educação, o ensino humanista. Sobre tal ensino, Neves (2013, p. 60) nos descreve como:

[...] voltado para a formação integral do ser humano, ou seja, para a aquisição de uma cultura geral ou universal, por meio de disciplinas clássicas como o latim, Grego, Artes, Letras, além da Gramática, Retórica e Poética. Tal educação focada nas humanidades foi desenvolvida no ensino brasileiro durante o período colonial e mesmo após a expulsão dos jesuítas, em 1759.

Neves (2013) explica que a Retórica foi à primeira disciplina a tratar do que hoje

chamamos de Literatura, tendo sua origem no século V a. C.. A Retórica foi criada com o intento de sistematizar os recursos que poderiam dotar a palavra do poder de persuasão, abrangendo a literatura como modalidade específica de arte. Sobre tal assunto, Santos (2010) nos fala que retórica relaciona-se a uma aplicação direta, em uma dada situação em que é necessário utilizar a persuasão, ou seja, a força expressiva da palavra, a fim de convencer alguém a crer em alguma coisa. Nesse sentido, Lausberg (apud SANTOS, 2010, p. 19) entende retórica como “a arte do discurso em geral”, exercida por qualquer indivíduo ativamente participante na vida de uma sociedade; já Retórica, em sentido restrito (Retórica escolar), é a “arte do discurso partidário” (exercida especificamente diante de tribunais), a qual, desde o século V. a.C., constitui objeto de ensino.

A Poética também fazia parte do quadro das disciplinas ensinadas no Colégio Pedro II. Esta por sua vez, tem sua origem na Grécia no período clássico. Neves (2013) nos fala mais sobre esta disciplina:

A Poética, que como a Retórica e a Gramática, constituiu uma das disciplinas clássicas do discurso, teve seu primeiro tratado sistemático na obra de Aristóteles. Assim, até o século I, a Poética se manteve dissociada da Retórica, pois, enquanto a primeira tinha como objeto de estudo os gêneros hoje considerados literários, a segunda tratava da oratória e do raciocínio. A partir do século I, a Retórica e a Poética passaram a confundir-se, permanecendo quase indissolúveis até o século XIX, quando, com a redescoberta da obra de Aristóteles, a Poética se transformou em uma disciplina de caráter filosófico-técnico-formal, própria para escritores e críticos literários, e a Retórica passou a ser uma disciplina técnico-formal, circunscrita aos professores e ao ensino especialmente pelos jesuítas. (SAOUZA apud NEVES, 2013, p. 59-60)

Nesta etapa da presente pesquisa, já podemos compreender como se originou o ensino de literatura, a qual ocorria alicerçada nas disciplinas de Retórica e Poética. Por conseguinte, abordaremos a disciplina de Literatura e sua relação com a leitura, a fim de um maior entendimento em relação a suas práticas metodológicas.

A literatura e sua relação com a leitura

Candido (1995, p. 243) em suas contundentes análises nos fala que a “literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia [sic] e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Diante de tal afirmação entendemos que a literatura tem papel de formar personalidades, pois possui um processo criativo, que por meio de seus sentidos, tem a capacidade de tornar os seus leitores pessoas capazes e sensíveis.

Pesquisas como a de Barbosa (2010) e Silva (2010) comprovam que na atualidade, alunos de ensino médio apresentam dificuldades na aprendizagem de literatura, uma vez que conteúdos, abordagens e métodos não atendem às suas expectativas e que existe distanciamento entre as propostas de ensino e a realidade concreta dos sujeitos envolvidos no processo. Entretanto, se, de um lado, constata-se esse distanciamento, por outro, a pesquisa também evidencia a crença do aluno de que leitura é importante. Esse aspecto é um dado extremamente significativo e precisa ser conhecido e utilizado pelo professor, que deve reforçar essa ideia de modo positivo, estabelecendo relações concretas entre leitura, literatura, livros e realidade. Para tanto, torna-se imprescindível que os professores invistam no processo de leitura, criando novas estratégias de abordagem, mais de acordo com as expectativas do aluno, bem como modalidades pedagógicas adequadas ao ensino da Literatura. Sob tal vertente, Magnani (1989, p.101) fala sobre as vantagens do ato de aprender a ler:

Aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter a satisfação com a leitura; aprende-se acompanhar modismo de leitura; aprende-se a ter critério e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos. E tudo isso aprende-se lendo dentro e fora da escola.

É muito comum que os alunos de qualquer faixa etária não gostem de praticar o ato de ler, mesmo que seja textos curtos e de fácil interpretação, e até mesmo enunciados de exercícios propostos pelo professor em sala de aula. Como podemos como professores fazer com que nossos alunos, jovens, crianças e adultos venham fazer o gozo pelo ato da leitura?

A palavra “leitura” por sua vez, pode ser entendida como um mundo de aventuras e de enriquecimento infinito e, cabe a nos educadores incentivar sua constante prática a fim de formar cidadãos críticos, pois a criticidade é a condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. (BRITO 2010, p. 01) Dentro de tal contexto, acreditamos que sem o domínio da crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural também.

Moises (2008, p. 18) em suas contundentes análises levanta a seguinte questão: “Por que estudar Literatura?”; e em seguida responde-a:

Porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura, nas sociedades letradas, não há cultura; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado, mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de

interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento: porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode gerar transformações históricas.

Diante do excerto acima, percebemos que a literatura possui muitas funções e qualidades, pois acreditamos que a literatura é “uma poderosa mediadora entre diferentes culturas”. (MOISES, 2008, p. 20) Em relação à prática da leitura, podemos relacioná-la ao ensino de Literatura, conforme destaca Zilberman e Silva (2008, p. 23):

[...] compete hoje ao ensino da literatura não mais como a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Não como execução de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.

Por este prisma, Amaral (2003), expõe que a literatura reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes. Na medida em que elas se transformam historicamente, a literatura também se transforma, pois é sensível às peculiaridades de cada época, aos modos de encarar a vida, de problematizar a existência, de questionar a realidade, de organizar a convivência social. Dessa maneira, podemos entender a real importância que o ensino de Literatura ocupa na formação do indivíduo, fato este que justifica sua inserção no currículo do Ensino Médio. Mas antes de discutirmos sobre esta disciplina é preciso primeiramente compreender o que é literatura, e em tal contexto, Amora (2004, p. 04) propõe a ideia de que a “literatura é a arte pela arte técnica de usar as palavras com criatividade e originalidade”. Literatura significa letras, um conjunto de habilidades de ler e escrever, e é um termo oriundo do latim “litteris”. A literatura possui formas próprias de comunicar e se expressar. Ela por si mostra valores até então não vistos ou valorizados pelo homem. É uma arte que transfigura o real conforme aponta Coutinho (1978, p. 09):

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Para, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio.

Sob essa óptica, a literatura nos revela a realidade de uma forma mais lírica, poética, doce e agradável de ver e não uma realidade bruta, crua e cruel. Ela é uma forma de promover uma reflexão no leitor sobre o mundo em que vivemos, fazendo-o rever seus conhecimentos e interrogar suas atitudes, reavaliando sua vida e mundo de comportamento. Assim, é possível

concluir que a literatura é um dos principais instrumentos da comunicação, pois nos leva a refletir sobre, acontecimentos, e a sociedade de anos e séculos atrás. Além disso, nos revela diversas situações culturais, sociais e políticas que um país vivenciou e como seu povo pode se comportar em cada época. De como que, quando se ensinava literatura nas disciplinas de Retórica e Poética no Colégio Pedro II através de textos clássicos, estes tinham como finalidade possibilitar o conhecimento da cultura em que foram produzidos, propagando valores humanos, tais como: honradez, coragem, senso de justiça e respeito à verdade. (SANTOS, 2010, p. 22-23)

Nessa perspectiva, a literatura em uma das suas variadas e importantes funcionalidades, também tem a função de causar prazer. Tal conceito foi muito difundido na Grécia Antiga, sendo feito por meio do ritmo das palavras, sons e imagens conduzidas pelos escritores, com a função de conduzir o leitor a mundos imaginários, causando prazer aos sentidos e à sensibilidade do homem, conforme afirma Silva (2010, p. 02):

[...] lidar com a literatura é portanto, uma maneira de compreender melhor e mais a fundo uma espécie de instrumento capaz de desautomatizar nossa percepção do cotidiano, agindo no sentido contrário à padronização de apreensão da realidade; de desenvolver nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo; de despertar nossa capacidade de indignação, criando em cada um de nós uma consciência crítica da realidade circundante; de alicerçar nossa conduta ética no trato social, a fim de aperfeiçoar nossas inter-relações humanas; e de desenvolver nossa capacidade de compreensão e absorção da atividade estética, a partir de uma prática hermenêutica consistente.

Acompanhando as ideias propostas por Silva (2010, p. 02) entendemos que a literatura tem muitos sentidos que precisam ser levados em consideração, atuando, ao mesmo tempo, como metáfora e metonímia da própria condição humana, na medida em que representa essa condição e é por ela representada

[...] a literatura tem a capacidade de conferir ao homem aquela experiência ontológica, motivo pelo qual desempenha determinadas funções indelevelmente ligadas à atuação do homem na sociedade em que vive, as quais funcionam como fenômeno norteador dessa atuação, quase sempre no intuito de buscar equacionar os desequilíbrios sociais e aprimorar as relações humanas.

Dentro dessa perspectiva, Moisés (2000, p. 351) nos empresta certos conceitos de Candido ao se referir que a “literatura deve ser ensinada porque atua como organizadora da mente e refinadora da sensibilidade, como oferta de valores num mundo onde eles se apresentam flutuantes”. Por este prisma, entendemos que a literatura possui um processo criativo por meio de seus sentidos, tornando os seus leitores pessoas capazes e sensíveis. Ela é

um instrumento que faz o irreal se tornar real tornando algo da imaginação uma realidade capaz de transformar vidas. Nesse sentido, o professor de Literatura, como educador, tem o papel fundamental de incentivar seus alunos através das obras literárias a se tornarem leitores críticos, para que assim, sejam capazes de se impor diante das futuras indagações que possam vir a surgir ao longo de suas vidas, não só com habilidades de questionar como também de possuírem uma visão de cultura própria para que não caiam em armadilhas de uma visão imposta ou persuadida. De maneira similar Silva (2005, p. 35) nos fala que “o único conselho sobre leitura que uma pessoa pode dar a outra é não seguir conselhos, mas basear-se nos seus próprios instintos, usar sua própria inteligência, tirar as suas próprias conclusões”. Assim, reafirmamos a ideia que a independência é a qualidade mais importante num leitor.

Acredita-se que a leitura e a literatura seja uma questão de gosto, no qual o aluno leia por interesse e não por obrigação. Assim, a leitura seja ela popular, erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido. Mas no que diz respeito a esta prática de ensino, podemos levantar a seguinte questão: será que a responsabilidade de tornar um sujeito leitor é somente da escola e dos professores? Acredita-se que não, pois uma criança, por exemplo, segue o exemplo dos pais, um pai e uma mãe que conta historinhas para o filho dormir, futuramente essa criança também contará a seus filhos e assim sucessivamente. Assim, a família também tem o direito e o dever de exigir de seus filhos um futuro melhor através da leitura. Magnani (1989, p.102) reforça essa ideia no fragmento abaixo:

Uns dos critérios mais freqüentes para a seleção e utilização de livros para literatura, é o que ajusta ao gosto dos alunos. Mas suas expectativas e preferência refletem a complexidade das relações que envolvem sua formação enquanto leitor, mesmo fora do circuito escolar seu gosto traz marcas do aprendizado de leitura. Num movimento de mão dupla, suas expectativas, já trabalhadas fora da escola, são sondadas e realimentadas na escola, sob a máscara de uma suposta adequação ao gosto para que os alunos gostem de ler. E deste modo cabe aos professores, mostrarem para os alunos e para os pais que não é apenas na escola que se pratica o exercício da leitura, mas em qualquer outro momento do dia e em qualquer lugar onde o individuo possa ler e compreender a leitura realizada.

Neste caso a leitura como prática educacional não está descartada em hipótese alguma, pois ela deve ser aplicada em qualquer lugar, desde que haja interesse e material disponível. Assim, a análise dos dados apresentados até aqui, nos mostram que a leitura é condição indispensável para a formação do ser humano, é condizente com as necessidades, com o tempo e com o espaço em que se movimentam pessoas e grupos sociais. Sendo assim, para praticar a leitura não tem necessidade de ter um curso superior, ou ter uma classe social para

poder ler bons livros, por isso é que em muitos municípios existem as bibliotecas públicas para que os alunos possam adquirir conhecimentos diversificados e aprender novas culturas.

O problema em relação à leitura é universal, em todo lugar existem pessoas que não gostam de ler e detestam qualquer atividade relacionada à leitura e à literatura, às vezes por falta de tempo ou por preguiça. E nesse ritmo as coisas apertam dentro da sala de aula, pois quando o aluno tem interesse é fácil, ao contrário quando não quer ler, não participa da aula e atrapalha o desenvolvimento do conteúdo. É nessa hora que o professor sente-se ameaçado em sua limitação, pois qualquer aula relacionada à leitura, como uma leitura compartilhada ou um momento de leitura silenciosa, bem como para avaliar um aluno sobre um livro ou autor, não surtem efeito.

A leitura, além de ser a mais abundante fonte de informação, é o meio mais rápido para obtê-la. Permite absorver as informações de maior interesse num ritmo inteiramente próprio. O leitor dinâmico adquire maior dinamicidade no pensar, refletir, raciocinar. A leitura proporciona desta forma, melhor compreensão em menor tempo. A habilidade de ler dinamicamente é um dos principais diferenciais competitivos. Na sala de aula o aluno tem que saber o que deve fazer em relação à leitura, conhecer seus objetivos e o professor se compromete em ensinar e incentivar tal prática. Os professores de Literatura, assim, em situação de ensino, precisam selecionar os textos adequadamente para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, precisam absorver e ter acesso aos estoques de informação literária e conseguir disseminá-las. Devem estar familiarizados com as habilidades de coletar, organizar, transmitir e administrar o volume de informações necessárias para que sua prática cotidiana alcance o resultado desejado.

Considerações Finais

A leitura ensinada pelos professores como algo prazeroso e não por imposição, levará o gosto pela literatura e os alunos se tornarão grandes leitores. O que poucas pessoas sabem é que a leitura é um aprendizado de suma importância, talvez o mais importante da civilização, pois é através dela que poderemos ser capazes de criar, imaginar, sonhar e viajar a lugares nunca antes imaginado, pois somente através da leitura que as pessoas podem se tornar cidadãos críticos, comunicativos e criativos. Apesar de todo conhecimento sobre a importância da leitura, sabe-se que crianças e jovens não leem muito. A justificativa para tal acontecimento pode estar no fato de que a maioria só tem contato com livros quando

começam a frequentar a escola, enquanto que em suas casas não há o incentivo por parte dos pais, o que se torna um fator agravante. É possível concluir que todo o professor de Língua Portuguesa e Literatura junto com a escola devem adotar uma postura especial diante de um texto literário, sobre o que está lendo, para quem e o porquê, a fim de apresentar aos seus alunos as emoções e os prazeres da leitura.

Referências

AMARAL, E. **Novas Palavras**. São Paulo: FTD, 2003.

AMORA, Antônio Soares. **A Literatura Brasileira – Romantismo**. São Paulo: Cultrix, 1963.

BARBOSA, S.F.P. A literatura no Ensino Médio. In: Ana Cristina de Sousa Aldrigue; Jan Edson R Leite. (Org.). **Linguagens: usos e reflexões**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, v. 6, p. 61-97.

BRITO, Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. Revela, ano IV n, 8, p.1-35, junho 2010.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. In: **O direito à literatura**. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 18ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

GOULART, Cecília. Alfabetização e letramento: os processos e o lugar da literatura. In; PAIVA, Aparecida ET all. (orgs). **LITERATURA: saberes em movimento**. 2007.

MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura e Escola: a formação de gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, Aracy; VERSIANI, Zélia (Orgs). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOISES, Leyla Perrone. Inútil poesia e outros ensaios breves. In: **Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOISES, Leyla Perrone. Literaturas artes, sabere. In: **O ensino da Literatura**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

NEVES, Eislher Alves Ferreira. **No labirinto das raízes:** história do ensino de literatura em Mato Grosso do Sul (1997-2008). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba.

SANTOS, Ana Márcia Barbosa dos. **Sob a lente do discurso:** aspectos do ensino de retórica e poética no Atheneu sergipense (1874-1891). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão.

SILVA, Maurício. **Literatura e experiência de vida:** novas abordagens no ensino de literatura. Nau Literária (UFRGS), v. 06, p. 01-10, 2010.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia.** Ponto e Contraponto. São Paulo/Campinas, Global/ALB, 2008, p. 23.